

A PERSPECTIVA DOS APÃNIEKRAS-CANELA EM RELAÇÃO ÀS IMAGENS FOTOGRÁFICAS.

Autora: Daiana Gomes de Almeida¹
Orientador: Luiz Augusto Sousa Nascimento²

RESUMO: Os Apãniêkra-Canela, sujeitos centrais da nossa pesquisa são povos jê-timbira que habitam em região de cerrado no centro-oeste maranhense. O foco central da investigação é analisar a perspectiva e as implicações sociais que os *wajacás* (curandeiros-pajés), atribuem às fotografias de vários gêneros (pessoas falecidas, crianças hoje adultas, paisagens, roças, casas, entre outras). As imagens foram capturadas pelo pesquisador-orientador nos finais da década de 1990. O recorte sobre as visões dos *wajacás* se dá pelo fato deles possuírem um olhar que ultrapassa a realidade física. Para esses especialistas, as imagens revelam muitos elementos da sobrenatureza de duplo sentido, individual e coletivo. Orientado pela filosofia dos *wajacás* que se caracteriza pela qualidade sensível de perceber as coisas do cosmos, a pesquisa buscou identificar suas perspectivas quando as imagens que revelam. A metodologia está pautada na interação entre sujeitos de diferentes perspectivas. Conduzido pela etnografia e pelos recursos da antropologia visual, pretende-se captar as possibilidades heurísticas que as fotografias irão oferecer aos *wajacás* e os desdobramentos para o campo das relações sociais.

Palavras-chave: Apãniêkra, *wajacas*, perspectivismo.

INTRODUÇÃO

O presente artigo trata-se de um relato sobre o projeto de pesquisa “imagens que revelam: o invisível aos olhos dos curandeiros Apãniêkra-Canela” realizada na aldeia Porquinhos, situada no entorno do município de Fernando Falcão no centro-oeste maranhense. A pesquisa lança luz sobre a filosofia dos *wajacas* que se caracteriza pela qualidade sensível de perceber as coisas do cosmos, a mesma busca identificar suas perspectivas quanto às imagens fotográficas e tem como objetivos centrais as condutas de alteridades dos *wajacas* em relação às mesmas. Para realização da pesquisa foi

¹ Aluna IFMA campus São João dos Patos, Bolsista PIBIC Superior-FAPEMA.

² Professor do IFMA, campus São João dos Patos - orientador.

realizada duas viagens à aldeia quando buscamos contato com os *wajacás* para mostrar as imagens e fotografias antes captadas. As fotografias foram obtidas por intermédio de Luiz Augusto Nascimento (orientador e coautor do artigo) que durante sua pesquisa de mestrado registrou varias situações e na ocasião não pode utilizá-las em sua dissertação.

Problemática/ Hipóteses

- A perspectiva dos Apãniêkra quanto a imagens fotográficas ultrapassa o plano da sobrenatureza?
- Os Apãniêkra postulam uma alteridade que valoriza a sobrenatureza?
- As imagens e fotografias ultrapassam o mundo da fisicalidade?

Objetivo Geral

O objeto (sujeitos de pesquisa ou interlocutores) central da pesquisa são os wajacá-curandeiros Apãniêkra, que a partir dos seus respectivos pontos de vistas, subsidiaram as análises em torno das imagens-fotografias que foram capturadas por um *outsider* em momentos e ocasiões bem pontuais, como, por exemplo, fotografias de momentos rituais *Pepcahok* e *Ketuwajê*, paisagens, roças, crianças, animais e pessoas falecidas.

Objetivos Específicos

- Identificar os principais *wajacas* da aldeia;
- Compreender a partir das perspectivas dos wajacás, os processos sociais vinculados às imagens e fotografias;
- Analisar a perspectiva de alteridade dos Apãniêkra em relação às imagens.

Justificativa

O interesse em realizar pesquisa entre os Apãniêkra-Canela é decorrente de uma relação construída pelo orientador e pesquisador Luiz Augusto Sousa Nascimento com eles há mais de duas décadas quando começou a frequentar sua aldeia (Porquinhos) no período em que trabalhava no Centro de Trabalho Indigenista – CTI. Foi também entre os Apãniêkra que o mesmo realizou sua pesquisa de mestrado no ano de 2007. Nesse contexto, muitos dados importantes foram indexados, no entanto, poucos foram utilizados no texto da dissertação, como, por exemplo, as mais de trezentas imagens-

fotografias captadas no início da década de 2000 que não foram apresentadas ou devolvidas ao grupo em momentos posteriores.

Todavia, durante o processo etnográfico no ano de 2007 quando uma ação de um *wajacá* inspirou a repensar o quanto as imagens-fotografias ganham dimensões entre eles que ultrapassam o campo da fisicalidade. Nessa ocasião, meu orientador apresentou uma fotografia impressa de uma paisagem para uma *wajacá* (curandeiro), quando este passou a dar significados díspares para a imagem que influenciou diretamente a vida cotidiana naquele momento.

A partir de então, surgiu à necessidade de elaborar um projeto de pesquisa cujos objetivos pautassem para compreender as condutas de alteridades dos *wajácas* em relação às imagens-fotografias. Levando em consideração esses pressupostos, o projeto visou além de analisar etnograficamente a relação imagens-wajacá-alteridade, inserir alunos de graduação (como eu) no contexto da pesquisa etnográfica, despertando a vocação científica, promovendo o interesse pela pesquisa de campo. Também, buscou identificar os *wajácas* e mapear as trajetórias desses especialistas e as relações que eles estabelecem com outros povos indígenas ou não indígenas.

REFERENCIAL TEÓRICO

Esta seção apresenta os pressupostos teóricos sobre os principais temas abordados na pesquisa para engajar o leitor e ressaltar a importância da mesma

Aspectos gerais do grupo pesquisado

De maneira geral, segundo Nascimento (2016), os Apãniekra-canela são classificados linguística e etnologicamente como pertencente ao tronco linguístico macro-jê, falante da língua jê-Timbira, ligados ao “complexo cultural timbira”. O grupo foi contatado no início do século XIX pelas frentes de expansão agropastoris. Com o processo de territorialização, os Apãniekra-canela ocupam atualmente, 79. 520 mil hectares de terras, demarcadas e homologadas no final da década de 1970, situadas no entorno dos municípios de Barra do Corda e Fernando Falcão, região centro-oeste do Estado do Maranhão. A população é de aproximadamente 1.127 indivíduos, habitando uma única aldeia– Porquinhos dados que foram atualizados na primeira visita feita a aldeia.

Historicamente, o grupo sofreu vários impactos do empreendimento colonial e de ataques intertribais, ocasionado baixa populacional e desterritorialização, decorrente

do encontro intersocietário; assim como aconteceu com a maioria dos grupos indígenas durante os encontros intersocietário, quando utilizavam de estratégias díspares, tais como as guerras, a submissão aos colonos, entre outras para manter-se em parcas porções de terras, garantindo dessa forma, possibilidades de sobreviver aos ataques e garantir sua autonomia como grupos etnicamente distintos da sociedade do colonizador e de outros grupos indígenas. Os Apãniekra-canela, assim como os outros Timbiras (Krahô, Ramkokamekra, Krincati, Pycobjê, Kremwncatejê, Krenyé e Apinajé) se caracterizam por orientar suas relações sociais, políticas e cerimoniais de forma estruturada na dualidade simétrica, a exemplo da aldeia circular e das metades cerimoniais *Atukmakra* e *Càamaakra*. A organização social e política configuram-se por um conselho de anciões denominados de *proklam*, que exercem autoridades quanto às questões locais e, principalmente, cerimoniais. Além dos *proklam*, há outros especialistas, tais como os *pahi* (chefe), os *pahi yon pujê* (chefe de mulheres), *pahi yon kope* (chefe que trata de questões exteriores a aldeia) e os *wajácas* ou curandeiros. Sem desconsiderar a importância desses especialistas, a pesquisa lança luz às perspectivas dos *wajácas* quanto suas visões às imagens captadas por um *outsider* em períodos anteriores.

A Teoria perspectivista

A pesquisa que ora apresentamos, privilegia uma corrente teórica que teve profundas origens no animismo de Descola (2005, 1998) e no estruturalismo levistraussiano, porém com um arcabouço filosófico refinado em Gilles Deleuze e Felix Guattari. Trata-se do perspectivismo ameríndio desenvolvido pelo antropólogo brasileiro Eduardo Viveiros de Castro (2002, 2002a, 1996) e Tânia Stolze Lima (1996, 2012). A teoria perspectivista assegura como orientação, as cosmologias e a alteridade como pressupostos fundamentais para entender a forma estruturante das sociedades ameríndias das terras baixas da América do sul. Embora muito criticada pelo centralismo na alteridade e nas cosmologias, o perspectivismo não é uma teoria da cosmologia, mas “um corolário (etno)epistemológico”, uma ontologia pautada na alteridade.

Em outras palavras, a alteridade se inscreve nos pressupostos da imaginação amazônica como o campo próprio do pensável. Ela é a marca da presença de Outrem enquanto relação *à priori* ou condição geral de atualização dos estados de coisas e corpos que povoam o mundo. Tal condição se reflete na cosmopraxis indígena sob a forma de um esquema conceitual virtual, que rotulei de *perspectivismo*,

devido a algumas analogias com as orientações filosóficas assim denominadas. (VIVEIROS DE CASTRO, 2002, p. 132).

Portanto, o perspectivismo implica na ênfase na alteridade: a diferença como ponto de vista, o ponto de vista como diferença. A alteridade não é uma dentre as várias categorias formais impostas arbitrariamente pelo espírito sobre um mundo preexistente, em vista de sua ordenação, mas a condição imanente de categorização da experiência real, e, ao mesmo tempo, um vínculo necessário que *dá corpo* aos termos que efetua, pondo-os no mundo e assim pondo o mundo.

Nesse sentido, dentre os pontos chave da pesquisa corrente, busca-se focar na alteridade dos *wajácás* apãniekra para compreender o quando as imagens-fotografias são subsidiadas numa perspectiva ontológica que favoreçam um entendimento que não resvale apenas na percepção física aparente das coisas, mas sim que ultrapassem outros estados, a partir dos seus respectivos pontos de vistas.

METODOLOGIA

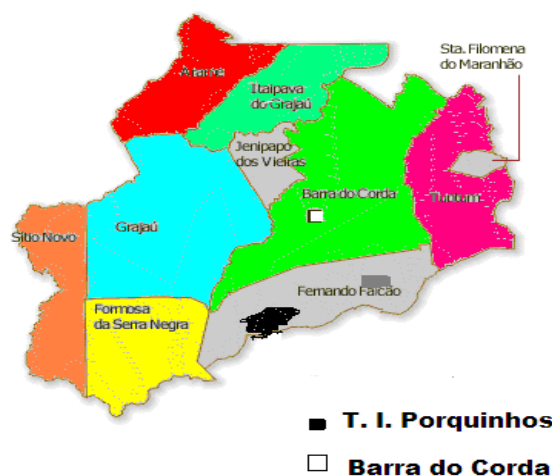
Desde as primeiras pesquisas de Malinowski ([1922]1978), a pesquisa de campo e a observação participante se tornaram instrumental fundamental para a antropologia. De acordo com o autor (Id. Ibid.), a observação participante condiciona ao pesquisar melhor qualidade nos dados ou informações coletadas, garantindo melhor tratamento nos resultados. Todavia, as orientações de Malinowski não se limitaram à pesquisa de campo e a observação participante. No clássico “Os argonautas do Pacífico Ocidental”, o antropólogo polonês chama atenção para a necessidade de mais rigor científico e objetividade nas pesquisas antropológicas, sobretudo, propôs três princípios metodológicos básicos: 1) o pesquisador deve ter objetivo genuinamente científico e conhecer os critérios da etnografia moderna; 2) assegurar boas condições de trabalho-viver entre os nativos, aprender a língua nativa – trabalho de campo e 3) aplicar certos métodos especiais de coleta, manipulação e registro de evidências. (MALINOWSKI, [1922] 1978, p. 20).

Nesse sentido, a pesquisa teve como instrumento metodológico, a pesquisa da pesquisa de campo e da observação participante, investida em diálogos; oficinas com toda a comunidade apãniekra; oficinas com os principais especialistas (*pahi, pahi yon puyê, pahi yon krin, proklam*, entre outros) e oficinas exclusivamente com os *wajácás* em suas respectivas casas (*inkre*). O propósito das oficinas foi de captar pontos de vistas

diferentes quanto às observações das imagens-fotografias e trazer para o texto, concepções ontológicas e suas perspectivas de alteridades.

A pesquisa foi realizada privilegiando dois períodos bem distintos para os Apãniêkras: o período da seca (catamejê) e o período das chuvas (wakemejê), onde os pesquisadores permaneceram na aldeia aproximadamente cinco dias em cada estação. Dessa forma, pretendeu-se compreender os pontos de vistas, considerando o marco espaço-temporal. Este marco é de suma importância para sociedade que se organizam de forma dual e simétrica. A figura abaixo mostra a localização geográfica da aldeia.

Mapa da Microregião de Barra do Corda



Fonte: Nascimento 2016

Sabemos que para uma etnografia qualificada é necessária uma longa temporada em campos, todavia, devido à condição de uma pesquisa de iniciação científica, procuramos interagir o máximo possível durante nossa estada em campo, onde realizamos oficinas, ouvimos os wajacás e outros especialistas e, sobretudo, passamos a ter outra visão sobre um povo indígena, que apesar de toda investida colonizadora, ainda são operantes em sua língua nativa e conseguem realizar os principais rituais do calendário anual. Sem ritual e vida Apãniêkra perde um pouco da sua dinâmica. Sendo assim, os poucos dias que estivemos com os Apãniêkra foram de intensos aprendizados e desse aprendizado que expomos algumas das nossas reflexões nesse trabalho.

RESULTADOS

Após a apresentação das fotos aos Apãniekra nas oficinas, foi realizada a seguinte pergunta: o que as fotos significam para vocês? Abaixo tem algumas respostas que foram explicadas, reproduzi as que mais me chamaram atenção.

- Pinhoc (aldeia Porquinho, 29 de abril de 2018) – respondeu que quando ele vê a foto de uma pessoa que já morreu dá saudade, mas já tem outra igualzinha ocupando seu lugar. Pinhoc Canela (Aldeia Porquinhos, 30 de abril de 2018) – Eu sei fazer muitas coisas, porque foi assim que me ensinaram, sei remédio, seu trabalhar. Tudo com a ajuda das plantas, do bicho bravos e dos ensinamentos dos nossos bisavós. Tudo tem terra, fogo, vento e água, “Sabendo disso você sabe muita coisa”.
- Proty Canela (aldeia Porquinhos, 30 de abril de 2018) – O que eu vejo poucas pessoas acreditam, mas os meus olhos sabem explicar e minha comunidade sabe o que eu vejo.

Baseando-me nos pressupostos apresentados podemos dizer que os *wajácas* apresentam um modo de ver as coisas ao nosso redor distintamente de como nós enquanto não indígenas vemos. O que para uns parece uma simples imagem, aos olhos dos curandeiros Apãniekra-canela pode ser de alta relevância aos processos sociais dentro da comunidade interferindo a varias instâncias que ultrapassam a esfera da fisicalidade.

Em síntese, mesmo com pouco tempo para desenvolver as oficinas e a morte de boa parte do *wajácas* foram obtidos os resultados parciais esperados. Procuramos caminhar por outros arranjos observando outros fenômenos sociais que vieram à tona durante o nosso percurso etnográfico. Por exemplo, o alcoolismo e os denominados “patrões” que são na grande maioria comerciante da cidade que gerenciam de forma arbitrária os cartões de benefícios dos indígenas como forma de garantia para prover mercadorias e transporte a prazo. Esses fatores são interpretados pelos wajacás com a perda da necessária para distinguir o que seja melhor para comunidade e inventar que os patrões são bons porque um dia eles se rederam aos indígenas que passaram a dominar as coisas dos patrões.

Outro ponto a observar é a grande propagação do forró na comunidade, seja em caixas de som portáteis ou fixas, sempre existe alguém ouvindo música, o que pode ter sido um dos fatores da diminuição das cantorias durante a noite, como foi observado pelo pesquisador-orientador e compreendida por uma wajacá da seguinte maneira:

Os antigos *inkrerepej* [bom cantador] estão tudo indo embora, morte mesmo do feitiço, sabe, porque outros povos invejam os nossos *inkrerepej* e ai eles joga feitiço, jogam essa musica da cidade [forró?] para essa rapaziada só gostar dela e esquecer a nossa cantiga verdadeira. Assim se acaba e o *kopë* [não índio] vai dominar tudo. Se a gente não seguir as coisas dos antigos tudo vai acabar, até o nosso povo também. (Pinköc, Aldeia Porquinhos, outubro de 2017).

Observa-se que a narrativa acima ressalta que tudo que vem de fora é um ataque aos Apãniekra, pois eles acreditam que existem muitos povos que os invejam e por esse motivo procuram de toda maneira, destruir a “cultura dos Apãniekra”, como ressaltou *Pinköc* em nossa última visita à aldeia.

Outra questão muito discutida pelos *wajacás* é sobre a terra. Durante nossas conversas na aldeia, escutávamos com frequência as pessoas de modo geral cogitar algo sobre a ampliação, pois a mesma ainda não aconteceu e o processo persiste desde o ano de 2000. Os *wajacás* argumentam que todo entrave está vinculado ao desordenamento que os próprios Apãniekra estão conduzindo, pois ninguém canta mais no pátio, faz resguardo e outros costumes dos antigos. Sobre as questões ambientais é muito importantes ressaltar que a derrubada da mata, as queimadas e o plantio de soja já estão afetando a vivencia na aldeia, uma das áreas mais afetadas é a nascente do rio que já tem muita diferença em relação ao seu nível de agua de acordo com o professor orientador que esteve lá há 10 anos.

Outro fator de extrema importância é o casamento de indígenas com pessoas de fora da comunidade, principalmente de jovens meninas com homens que moram em outras cidades e que não são indígenas. Durante a oficina, demonstramos uma fotografia de uma garota que quando a mesma havia seis anos de idade e o *wajacá* *Pinköc* revelou da seguinte maneira.

Você está vendo essa garotinha aqui. Ela era bem pequenina quando você veio aqui agora tem uma carga de filhos e foi levado pelo *kopë* [branco]. Um homem da cidade carregou e disse para ela não viver mais igual a nós índio. Quando eu vi essa foto, parecia que ela já me falava o que acontecia. Essa mulher era boa aqui, mas eles levaram para a gente ficar sem as nossas pessoas boas. Não sei, mas parece que ela também não vai viver com o *kopë* não, sabe, a foto mostra isso porque tá diferente, mas não muda é a foto, é coisa que tá por trás do outro mundo, bem longe, mas que vem para o Apãniekra, você não vai entender, só nós mesmos índios. (Pinköc, aldeia Porquinhos, outubro de 2017).

Esse depoimento revela o quanto às imagens-fotografias tem significados que ultrapassam a esfera do plano físico e se inter cruzam no plano da sobre natureza

acarretando algumas implicações no plano dos processos sociais. Por esse caminho que procuramos compreender a visão dos wajacás numa perspectiva das suas alteridades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa abordou a questão estruturante do universo cosmológico, cosmogônico e do cotidiano dos Apãniekra. Durante a mesma nos deparamos com outras questões de vários gêneros e perspectivas, como por exemplo, as investidas de feitiçaria que os Apãniekra enfrentam e a perda dos principais wajacás que estão relacionados diretamente com o desalinhamento que as pessoas de modo geral estão vivendo, por exemplo, o desmatamento, os casamentos interétnicos, aumento exagerado de uso de produtos industrializados que de maneira geral estão levando os Apãniekra a mudarem seus hábitos alimentares. Um fato interessante sobre isso é que as cantorias que antes eram realizadas todas as noites estão deixando de existir por conta dos aparelhos televisores e de som que são grande atrativo na comunidade. Como ressaltou um wajacá: *“Tudo isso é coisa de índios antigos que nos invejam e querem nos destruir”*.

Contudo, o que mais nos preocupa é a vida dos *wajacás*, pois em um período de menos de dez anos, faleceram cinco grandes curandeiros: Serra Branca, um exímio especialista em tratamento de picadas de cobra; Filipinho Tutê, advinho e mestre em contra feitiço; Ricardo Krahô, mestre de cerimônia e benzimento de alimentos, Pedro Satu, especialista em ervas e visões e Luís Caraíba Kruapu, mestre de cerimônia.

A expectativa é que o processo de aprendizagem que perpassa por um conjunto de normas e prerrogativas dinamize a formação prévia desses especialistas que são de fundamental importância para o equilíbrio do cosmo e da coesão social do grupo. Suas perspectivas relacionadas à sobrenatureza são de grande validade para a vida do Apãniekra e, conseqüentemente, das nossas reflexões.

REFERÊNCIAS

CLIFFORD, James. **A experiência etnográfica**. Antropologia e literatura no século XX. Editora da UFRJ, Rio de Janeiro, 2002.

DIAS José Vitor. **Relatório de viagem Técnica a aldeia Porquinhos**. Mimiografado, IFMA-LEPTE, São João dos Patos 2017.

LIMA, Tânia Stolze. **O dois e seu múltiplo**: reflexões sobre o perspectivismo em uma cosmologia tupi. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 21-47, 1996. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93131996000200002&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 22 mar. 2016.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Os Argonautas do Pacífico Ocidental**. Um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia. Coleção os Pensadores, Editora Abril, São Paulo. 1978 [1922].

NASCIMENTO, Luiz A S. Prwncwyj: drama social e resolução de conflito entre os Apaniekra Jê-Timbira. Editora Fi: Porto Alegre, 2016.

NASCIMENTO, Luiz A S. Os Apaniekra. Uma abordagem etnográfica de uma situação social. In *Etnicidade e Mediação* (Org.) VALLE, Carlos Guilher. Annablume, São Paulo, 2016.

NOVAES Sylvia Caiuby. **Imagem, magia e imaginação: desafios ao texto antropológico**. V.14, n.2, p.455-475, 2008.

MATOS, Olgária. 1991. “**Imagens sem objeto**”. In: Aduino Novaes (org.), *Rede imaginária: televisão e democracia*. São Paulo: Cia das Letras. pp.15-37.

VIVEIROS DE CASTRO, E. **A inconstância da alma selvagem**. São Paulo: Cosac & Naif, 2002.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **Os Pronomes Cosmológicos e o Perspectivismo Ameríndio**. *Mana*, 2(2):115-144. 1996.